

# ★ SOBRE *PRESENÇA*, RENATO BORGHI

## Élcio Nogueira

Élcio Nogueira Seixas, ou apenas Élcio Nogueira, no início da carreira, trabalhou com José Celso Martinez Corrêa e Antunes Filho. Funda em 1993, o Grupo Teatro Promíscuo, com Renato Borghi. Como ator da companhia, protagonizou *Édipo de Tebas* (1996) e *Galileu Galilei* (1998), com direção de Cibele Forjaz. Em 2002 e 2003, é idealizador, curador e ator das duas edições da Mostra de Dramaturgia Contemporânea no Teatro Popular do Sesi. Por este trabalho, ganha os Prêmios Shell e APCA. Este ano, atuou na peça *Fim de jogo* (2016), sob direção de Isabel Teixeira.

**A**o final da introdução de *Borghi em revista*, publicado em 2008, revelei o apelido de infância do ator: *Presença*. Aparecendo de trás de cortinas para recitar poemas ou ganhando duas vezes o título de “Aluno nº 1” do Rio de Janeiro, Renato fez jus ao cognome desde cedo. Aos catorze anos, dirigiu-se, com seu violão debaixo do braço, à TV Tupi do Rio, que funcionava no edifício do extinto Cassino da Urca, palco lendário de seus ídolos de menino – Dalva de Oliveira, Carmen Miranda, Grande Othelo. Lá, pediu para falar com Paulo Soledade, prestigiado compositor da época e diretor artístico da emissora. Desprovido de qualquer timidez, o jovem entoou uma canção de autoria própria e ouviu de Soledade elogios sobre sua voz, acompanhados de um conselho: que a conservasse, ao menos, até os dezoito anos, quando seu timbre já teria se definido. Porém, a precocidade do rapaz não impediu que o diretor da casa o convidasse para apresentar-se, na mesma noite, no *Clube dos Artistas*, para espanto de sua família, que sempre assistia ao programa. Não satisfeito, meses depois, *Presença* repetiu a dose no programa *Noite de Gala*, da TV Rio.

Na segunda metade dos anos 1950, veio para São Paulo com a família. Não demorou muito para que *Presença* se fizesse notar na terra da garoa.

Segundo Borghi:

Eu tocava no apartamento de meus pais, que era térreo, e a nossa vizinha chorava no primeiro andar. Eu tocava embaixo e ela chorava em cima. Uma tarde, ela me convidou pra lanchar. Queria que eu cantasse pra uns convidados. Peguei meu violão e fui na maior cara de pau. Vergonha de me mostrar era algo que eu não conhecia. Quando criança, meu apelido era *Presença*. Meu avô me chamava: *Presença, vem almoçar!*, *Presença, vem jantar!* Subi e cantei. Cantei todos os números que ela pediu. Um dos convidados era Jordão de Magalhães, empresário do Agnaldo Rayol e do Almir Ribeiro. Quando terminei de cantar, ele me disse: *O senhor está contratado. Esteja amanhã, às duas horas em ponto na Boate Cave. Você vai ensaiar quatro meses com a minha orquestra, das 14 às 17 horas e, a seguir, vamos gravar um disco na Gravadora Philips. Fiquei zozzo!*<sup>1</sup>

Parecia que Renato estava prestes a cumprir seu sonhado destino de cantor das multidões, acalentado desde os tempos em que fugia de casa, enfrentando os “perigos” da Lapa marginal para chegar ao auditório da Rádio Nacional, na Praça Mauá, onde brilhavam as estrelas que encantaram sua vida. Gravado o primeiro disco, capa pronta,

1 SEIXAS, Élcio Nogueira. *Borghi em revista*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. (Coleção Aplauso Perfil). p. 45.



Em primeiro plano, Rosamaria Murtinho e Ronaldo Daniel; ao fundo, Renato Borghi e Célia Helena em *Quatro num quarto*, de Valentin Kataev, com adaptação de Eugênio Kusnet e direção de Maurice Vaneau. Teatro Oficina, 1962. Foto: Acervo Célia Helena.

Presença foi subitamente sequestrado por outra Musa; o êxito inesperado em um teste teatral o fez renunciar ao clamor das “macacas”<sup>2</sup> que sempre o haviam seduzido com seus gritos histéricos e desmaios, para abraçar a “arte das máscaras”. Ele seria um ator, um “cavalo”, aquele que dá passagem. Ao abandonar seu lançamento como promessa da bossa-nova, dos pulmões de seu ex-produtor musical, ouviu a primeira maldição; enquanto subia correndo a Rua da Consolação, Jordão bradava da porta da Cave: “Vai ser pobre na vida, filho da puta! Trocar uma carreira milionária pra fazer Teatro! Teatro não dá camisa a ninguém!”.

Colhido entre dezenas de candidatos por ninguém menos do que a mais célebre encarnação brasileira de Hamlet (o ator Sérgio Cardoso), Renato Borghi não teve escolha que não fosse aceitar ser o protagonista de *Chá e simpatia*, sucesso americano dos anos dourados, e estreiar no tablado do glorioso Teatro Copacabana para uma carreira sem volta.

Não, sem que antes, os lábios do príncipe tropical da Dinamarca proferissem a segunda maldição; assim disse Cardoso: “Nunca deixe o Teatro, você é um ator. Você tem tudo contra você. Você é baixinho, magrinho, franzino. Você é o *anti-Physique du Rôle* de um primeiro ator. Mas você é um ator, haverá sempre um espaço pra você!”.

Em um acordo celestial de Musas, Dalva de Oliveira afastou docemente (a ou o?) “bebê-diabo”<sup>3</sup> de seu colo e (a ou o?) o entregou nos braços de Cacilda Becker. A paixão por sua “mãe” no Teatro foi tamanha que, sem perceber, o ator imitava a entonação singular de sua diva; a tal ponto que o pai chegou a perguntar por que, em cena, o filho falava sem ponto e sem vírgula, como uma “japonesa”. Pudera, Renato assistia mais de quinze vezes a cada peça de Cacilda e ficava sem fôlego com a respiração entrecortada da atriz e sua capacidade de incendiar-se diante da plateia. Mas é preciso ressaltar que, mesmo enfeitiçado pelo canto de sereia

2 Macacas de auditório – assim eram chamadas as fãs histéricas da Era do Rádio no Brasil.

3 Bebê-diabo (*Baby Devil*) – adaptação de Caio Fernando Abreu para o Teleteatro da TV Cultura, baseada no jornal *Notícias Populares*, dirigida por Adhemar Guerra e com Renato Borghi no elenco.

de sotaque ligeiramente europeu do TBC, Borghi sempre se manteve fiel à sua “progenitora” artística, a voz primordial de sua aurora na Tijuca – sua Estrela Dalva (a quem homenagearia, em 1987, estreando como dramaturgo ao escrever um musical sobre a vida da cantora, que foi “revivida” por Marília Pêra).

Apesar da inversão de sinais (ao invés de chegar à casa das pessoas através das ondas do rádio, as pessoas é que iriam à sua casa teatral para vê-lo), Presença se mantinha como Presença; e foi esta entidade, identificada quase no berço pelo avô materno e forjada no “feu sacré” pelas vigorosas marteladas de gigantes como Kusnet e Morineau na bigorna do Teatro Oficina; foi precisamente esta entidade que deu à luz as “presenças” inesquecíveis de Piotr (*Pequenos burgueses*), Andri (*Andorra*), Abelardo I (*O rei da vela*), Galileu (*Galileu Galilei*), George Garga (*Na selva das cidades*), Édipo, Tio Vânia, Timão de Atenas, Seu Noronha (*Sete gatinhos*), Hamm (*Fim de jogo*) e tantos outros personagens, entre clássicos, anônimos e indignos (dizem que Borghi é um especialista em “indignidade cênica”; considero este o maior elogio que se pode tecer sobre um ator de respeito).

Temos aí, portanto, a gênese do Presença. Mas o DNA do artista não explica o seu fenômeno e tampouco é o que realmente importa. A chave está na ação do Presença, e não poderia ser de outra forma em se tratando de Teatro. Presença é para tornar “presente”. É isso que Renato Borghi sabe fazer melhor: “presentificar”. Por esta razão, seus personagens são sempre contemporâneos, urgentes, palpáveis. O ator é uma engenhosa máquina do tempo-espaço capaz de transportar tudo, de qualquer lugar ou época, para um único ponto

presente, em horário determinado. Vida pulsante concentrada. Podem acusá-lo de torto, maníaco ou personalista (afinal, gosto é volúvel); jamais de ultrapassado, distante, menos ainda, ausente.

“Presentificação” em cena é um dos superpoderes de Borghi. Mas o ato de “tornar presente” fora do palco é ainda talento mais extraordinário do ator. Foi através dele que tive, em minha presença, atores que nunca vi atuar (Kusnet, Morineau, Dulcina...), eventos que não vivi (as Revistas de Walter Pinto; Maio de 68 em Paris; a bilheteria como raiz econômica do Teatro...) e sonhos que não eram meus e que agora são, quer eu queira, quer não. Toda onda de dramaturgia do mundo-cena que o atingiu, me alcançou também. E quando digo “me alcançou”, falo de muita gente, muita gente mesmo, do lado de cá e do lado de lá do proscênio. Pura imaginação. Puro Teatro. Artesanal, passado de geração em geração, pela tradição da “presença”, como sempre foi, em toda trupe, toda tribo, seja na Grécia, no Japão ou numa estrada medieval no meio do nada.

Todavia, a mais impressionante entre as muitas qualidades do Presença talvez seja sua vocação para não ser um guru, não ter séquito. A elasticidade interna de Renato Borghi faz com que seu pequeno corpo acomode legiões de pessoas e histórias; reais e fictícias. Foi sobre este altar politeísta que erigimos nosso Teatro Promíscuo; sem mestre na caverna do topo da montanha, sem resposta definitiva ao enigma da esfinge, sem esquecer que somos sagrados nos prostituindo em templos pagãos.

Por tudo isso e tudo aquilo que não cabe em duas laudas, obrigado pela Presença.

E, antes que me esqueça, rogo a terceira maldição: que tua presença seja eterna! ☆